

4 cópias

Trabalho de Campo I – Profa. Dra. Valeria de Marcos

Texto 34 – item 8 aula 14

_____. O que significa ser um intelectual? In: _____ Sobre o arte sanato intelectual e outros ensaios. São Paulo: Zahar, 2009, p. 89-95

C. WRIGHT MILLS

SOBRE O ARTESANATO INTELECTUAL E OUTROS ENSAIOS

Seleção e introdução
CELSO CASTRO

Tradução:
MARIA LUIZA X. DE A. BORGES

Revisão técnica:
CELSO CASTRO

 **ZAHAR**
Rio de Janeiro

O que significa ser um intelectual?

Para Towarich, do Rio de Janeiro, Brasil, outono de 1959

Transcender por sua compreensão uma variedade de ambientes cotidianos, mas não ser capaz de modificar, de mudar as forças estruturais em ação dentro e sobre esses ambientes; julgar, mas não ser capaz de impor o julgamento; exigir, mas não ser capaz de sustentar suas exigências – essa é a posição geral da maior parte dos intelectuais políticos, pelo menos nas sociedades ocidentais atualmente. Vendo-se nessa posição, muitos intelectuais param de julgar, retiraram suas exigências, engoliram sua presunção, caíram de volta nas rotinas políticas e morais de seus ambientes profissionais e residenciais. Há muitos modos, sociais e pessoais, de fazer isso, e todos estão sendo agora ativamente seguidos. Apesar de tudo isso, há algo nos intelectuais e na vida intelectual que os pressiona fortemente a assumir esse papel político de transcendência e julgamento. Há, de fato, muitas coisas, mas a primeira delas é que é simplesmente verdade que pensar de uma maneira realmente livre e ampla é, como se diz, “criar problemas”, questionar e, no devido tempo, exigir e julgar.

Embora, por vários motivos, possa fingir ser de outro modo, o intelectual não deve ser apenas diligente; deve ser obcecado em sua devoção e, pelo menos por vezes, deve possuir uma suprema confiança em sua própria mente e julgamento, ou melhor, deve sentir que é o mais severo crítico de si mesmo – ninguém poderia conhecer melhor seus próprios erros.

Valeria de Marcos
demarc@usp.br

Não acho que é demais dizer que um intelectual político é alguém que exige de si formulações claras de posição política. Ele não pode ser precipitado; quando tem de fazê-lo, isso o constrange. Ele leva a sério o que experimenta e o que diz a respeito. Se sua tarefa é formular planos de ação, é também lutar por uma compreensão metódica da realidade, pois tal compreensão deve ser obtida para que a qualidade de seus planos de ação corresponda a seus padrões auto-impostos.

No país em que você vive [a União Soviética], há espaço para um uso irrestrito da razão — razão além da mera racionalidade técnica a serviço do poder? No país em que vivo, podemos escrever o que quisermos; ninguém nos prende. Ninguém tem de nos prender. Muitos de nós nos prendemos a nós mesmos. Muitos intelectuais nos Estados Unidos estão abdicando voluntariamente da atividade de protestar e do debate de alternativas para as políticas estúpidas ou a falta de políticas da elite no poder. Estão abdicando do papel da razão nos negócios humanos. Estão abdicando de fazer a história.

Tovarich, quero que você saiba que intelectuais do meu gênero, vivendo nos Estados Unidos ou na Grã-Bretanha, enfrentam alguns problemas desanimadores. Como socialistas de um tipo ou de outro, somos uma minoria numa comunidade intelectual que é ela própria uma minoria. O problema mais imediato que enfrentamos é a presunção nacionalista e a complacência política em meio aos círculos intelectuais dominantes de nossos próprios países. Defrontamo-nos com uma apatia realmente profunda acerca da política em geral e acerca dos maiores problemas do mundo atualmente.

I. Usos da alienação

Ser um indivíduo intelectual envolve certas escolhas entre grandes — embora, espero, não grandiosas — alternativas. A primeira delas tem a ver com a vida cotidiana e podemos expressá-la da seguinte

maneira. A maioria das pessoas se acomoda à vida privada e cotidiana de seu ambiente. Aceitando em geral essa vida e seu lugar dentro dela, consideram seus valores como, afinal de contas, os mais apreciáveis. No fim, a rotina da vida familiar e os rostos de seus filhos, um emprego estável e agradável, digamos como professor universitário, e mais tarde uma casa bonita, um artigo publicado a cada três anos e quem sabe um livro-texto para enfeixá-los — isso não é mais ou menos tudo que há nela? E, afinal de contas, não é esta uma vida muito boa? Talvez a maioria das pessoas hoje ressonde de imediato, sim, deve ser.

Aqui está a segunda alternativa, que pode ser expressada na forma de uma pergunta: devo construir minha vida em torno de projetos que transcendem a vida cotidiana e privada? Rejeitando geralmente como supremos os valores dessa vida e meu lugar dentro dela, devo entrar em tensão com ela sempre que necessário? Devo passar a me ver como não só um homem comum, mas também como de certa maneira representante do discurso da razão?

Uma palavra-chave aqui é “projeto”, que tomo de Simone de Beauvoir, uma mulher admirável que escolheu a segunda alternativa, e alguém que você tem que ler, especialmente se for uma mulher ou conhecer uma mulher. Outra chave é “padrão”, com o que me refiro às exigências que formulamos, aceitamos e fazemos a nós mesmos. Não é tanto que vivamos para idéias, é que realmente não podemos viver sem elas — embora, é claro, possamos existir. Mas não estamos numa servidão involuntária aos poderes do lugar-comum e ao terrível domínio do cotidiano.

A maior parte das pessoas não vai atrás das coisas que estão fora de seu alcance, mas o intelectual, o artista e o cientista fazem exatamente isso. Fazê-lo é um traço normal de suas vidas de trabalho. Eles contemplam suas pinturas, pensam sobre seus livros, examinam novamente a fórmula e sabem que aquilo não é bom o suficiente e talvez nunca vá ser.

Estar desgostoso com a maneira como anda o mundo não é necessariamente ser uma pessoa rabugenta. Estar contrafeito

com o mundo não é necessariamente estar contrafeito consigo mesmo. Embora uma boa parte de nossa experiência talvez seja necessariamente alienada, a capacidade de experiência de vida não precisa ser expropriada. É inteiramente possível estar adequadamente isolado e portanto não alienado; é possível viver numa sociedade superdesenvolvida, mas não ser uma pessoa subdesenvolvida. Isso depende em parte das maneiras como escapamos de aspectos desagradáveis de nós mesmos e de nossas condições. Todo mundo com alguma vivacidade se entrega a muitas fugas, e está continuamente planejando futuras fugas, com as quais espera aprender alguma coisa sobre si mesmo e sobre o mundo. Pois o que é importante nas fugas não é evitá-las (ou continuaríamos sendo sempre um de nossos velhos eus), mas escolhê-las com cuidado e usá-las bem.

II. O caráter internacional da vida intelectual

Você e eu, Tovarich, somos estudiosos, escritores e leitores; pertencemos a algo maior que qualquer governo; devemos lealdade, se você quiser, a algo mais elevado que qualquer Estado. Lealdades políticas são condicionais a nosso raciocínio, e tais lealdades não estão circunscritas por fronteiras nacionais. Este é um ponto muito importante para nossa tentativa de nos comunicarmos. A vida intelectual, e portanto a vida de trabalho de qualquer intelectual, não está confinada a nenhuma nação. As mentes dos intelectuais foram formadas por um processo essencialmente internacional, e seu trabalho é essencialmente um tráfego internacional.

O internacionalismo da mente e das sensibilidades não é um internacionalismo abstrato. Nem é inacessível. Está disponível na livraria da esquina, na biblioteca no centro da cidade; é tão sólido quanto a sensação produzida pelo aspecto de uma viga de aço, tão específico quanto a graça de um broto de bambu, tão geral quanto

a idéia de natureza ou de humanidade. O internacionalismo da mente e das sensibilidades é inerente ao princípio do intelectual de que toda crença deve ser condicional ao raciocínio do indivíduo, e de que todas as suas sensibilidades e preferências de valor moral e estético devem ser produtos de autocultivo consciente. Não há outro sentido para o livre uso da mente humana, para a genuína liberação do eu.

III. Que significa escrever

Como escritor, sempre tentei, ainda que de maneiras diferentes, fazer uma única coisa: definir e dramatizar as características essenciais de nosso tempo. Quer eu tenha escrito sobre líderes trabalhistas ou fazendeiros, sobre executivos de empresa ou migrantes porto-riquenhos, sobre empregados de escritório, donas-de-casa ou operários, tentei vê-los como atores no drama do século XX. Muitas vezes falhei nisso, e sem dúvida voltarei a falhar, mas é isso que estou tentando fazer.

O bom escritor tenta unir uma variedade de vidas privadas com questões públicas. Tenta enriquecer a vida privada tornando-a publicamente relevante. Ao mesmo tempo, tenta introduzir significado humano no que é hoje chamado de questões públicas, transformando-as para que permitam e estimulem uma variedade mais decente de vidas privadas. Devemos nos recusar a separar as duas coisas, pois embora a medida mais adequada das questões públicas deva ser sempre as vidas privadas que elas permitem, a natureza de uma de nossas muitas armadilhas é que não podemos esperar resolver os problemas da vida privada nem da vida pública separadamente. O que devemos fazer como escritores é começar a transformar todas as nossas armadilhas numa série de tarefas. Pois com frequência assumimos o hábito do animal preso numa armadilha; esquecemos que não somos meramente animais, e que não caímos numa armadilha.

Uma outra coisa que devemos lembrar, que sempre tendo a esquecer, é que não devemos subestimar o que mesmo uma pequena circulação de idéias é capaz de fazer, em especial – se posso dizer isto – idéias cômicas e sem sentido. Os homens de poder são implacáveis, e nossas principais armas em tempos como estes são a audácia e o riso. Gostaria de ter mais senso de humor, Tovarich, mas pareço simplesmente incapaz disso, pessoalmente, ou nas coisas que escrevo.

Escrever, se nos dedicamos a isso por tempo suficiente, é evidentemente um conjunto de hábitos e de sensibilidades que moldam quase todas as nossas experiências. Escrever é, entre outras coisas, *sempre* uma maneira de compreender a nós mesmos. Só compreendemos nossos próprios sentimentos e nossas próprias idéias escrevendo-os.

Não pretendo, Tovarich, conhecer todas as razões, profundas ou superficiais, pelas quais uma variedade de pessoas escreve, mas um motivo, pelo menos para mim, tem a ver com a sensação de pôr mais uma parte do mundo numa forma ordenada enquanto estou efetivamente empenhado em escrever. Escrever é raciocinar; é lutar contra o caos e a escuridão. Há um entusiasmo que “toma conta de nós” quando sentimos – não importa agora se é assim ou não – que estamos conquistando mais um pouco desse caos para e pelo entendimento. É claro que se trata também de uma luta contra outras idéias e arranjos de idéias e imagens a que somos contrários, moral, lógica ou factualmente.

Acima de tudo isto, há um elemento estético na escrita que está provavelmente envolvido em qualquer trabalho manual, em qualquer tentativa de impor forma à matéria. É provavelmente similar na pedra, na madeira ou no som, mas, evidentemente, é no meio da linguagem que é mais intrincado e mais agradável para mim.

No fim das contas, suponho, a principal razão por que não sou “alienado” é porque escrevo. Após um longo tempo nisso, passamos a saber o quanto podemos ficar totalmente vivos no meio do

grande fluxo. Após quatro ou cinco semanas de trabalho constante, paramos uma manhã para examinar tudo. Mesmo após 20 anos nisso, é sempre espantoso, essas 100 páginas, ou perto disso, onde antes não havia nada. Elas corporificam os minutos, horas e dias mais alertas que jamais tivemos.